

Dossiê especial

EM DEFESA DA FILOSOFIA

APRESENTAÇÃO

Em seus manuscritos de juventude, no ano de 1810, em um fragmento que foi intitulado de *Pensamentos Sobre a Viagem (Gedanken auf der Reise)*, o jovem Arthur Schopenhauer escreveria uma das mais belas tentativas de definição da Filosofia que ele empreendeu:

A filosofia é um caminho elevado nos Alpes. Até ela temos apenas uma trilha íngreme através de rochas pontiagudas e espinho pungentes: é um caminho solitário que torna-se mais desgastante quanto mais alto se chega; quem o percorre não pode conhecer horror algum, mas tem de deixar tudo para trás de si, e abrir seu próprio caminho confiantemente através da neve fria¹.

A passagem nos apresenta elementos importantes do que é a Filosofia concebida pelo autor: um caminho, de difícil acesso, em meio a uma paisagem esplêndida, que nos leva a uma visão sublime do mundo. Um caminho que é percorrido de modo solitário e no qual quanto mais se avança, mais complicado ele vai se tornando. É um caminho através da neve fria e de todas as suas dificuldades. É, portanto, um caminho que não é fácil, nem divertido e exige muita atenção e dedicação. Um caminho que quando percorrido nos apresenta a vista mais recompensadora.

É bem sabido – e o autor ganhou projeção em boa medida por conta desse escrito – que

¹ No original em alemão: „Die Philosophie ist eine hohe Alpenstraße, zu ihr führt nur ein steiler Pfad über spitze Steine und stechende Dornen: er ist einsam und wird immer öder, je höher man kommt, und wer ihn geht, darf kein Grausen kennen, sondern muß alles hinter sich lassen und sich getrost im kalten Schnee seinen Weg bahnen.“ (SCHOPENHAUER, A. **Der handschriftliche Nachlaß**: Band I Frühe Manuskripte (1804 - 1818). Herausgegeben von Arthur Hübscher. München, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1985, *Gedanken auf der Reise*, 1810, p. 14. Tradução: Felipe Durante).

Schopenhauer tinha reticências com a filosofia feita na Universidade². Ele condenava aqueles que viviam de Filosofia e não para a Filosofia; aqueles que faziam Filosofia para defender o ponto de vista do Estado ou da Religião em troca do pão, mas não pela busca pela verdade, a qual ofertava apenas a si como recompensa. Ele tinha em mente os grandes “astros” da Filosofia de sua época: Fichte, Schelling e, em especial, Hegel.

Contudo, atualmente, a boa formação em filosofia e o bom exercício filosófico passam obrigatoriamente pela formação acadêmica e pelos centros universitários. Em geral, aqueles e aquelas que se submetem a tal formação acabam por estudar com afinco a História da Filosofia e constroem os alicerces necessários para o exercício adequado e rigoroso da atividade filosófica.

A metáfora schopenhaueriana, apesar da beleza, ainda tem uma outra limitação: ela pode dar a entender que a Filosofia é uma espécie de caminho messiânico para salvação, um tipo de interpretação que contribui para que muitas pessoas confundam Filosofia com autoajuda. Salvação, a Filosofia nunca prometeu; Schopenhauer chegou a descrever em seu livro quarto d’*O Mundo como Vontade e Representação* o caminho da salvação para os sofrimentos do mundo – o qual um número extremamente restrito de indivíduos poderia percorrer –, mas o próprio autor admite que ao adentrar os meandros de funcionamento da ascese, ele se encontraria no terreno da mística e não mais da Filosofia³. O capítulo *Aforismos para Sabedoria de Vida*, da obra *Parerga e Paralipomena*, apesar do nome, está muito longe de ser uma obra de autoajuda.

O fazer Filosofia ainda continua difícil. Seja pelo pouco prestígio de que goza junto às sociedades, as quais, ao menos no Ocidente, valorizam cada vez mais a técnica, a resposta rápida e a velocidade de tomada de decisões, e nas quais nem sempre a reflexão lenta e demorada – a paciência do conceito! – pode ser privilegiada, seja pelo pouco incentivo das entidades governamentais e não-governamentais – em nosso atual cenário encontramos a depreciação, a desvalorização e a desmotivação da área –, seja pelo baixo retorno financeiro que a carreira oferece pela falta de oportunidades.

São muitos os percalços, mas o diálogo com os pares, os eventos acadêmicos, as publicações em revistas que permitem o debate qualificado nos auxiliam a construir, para

² Cf. SCHOPENHAUER, A. **Sobre a filosofia universitária**. Tradução, introdução e notas Maria Lucia Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

³ Para a tese da ruptura entre a ética e a ascese Cf. SALAQUARDA, J. **Die Deutung der Welt. Jörg Salaquardas Schriften zu Arthur Schopenhauer**. Konstantin Broese, Matthias Kossler, Barbara Salaquarda (Ed.). Würzburg: Königshausen & Neumann, 2007.

permanecer na metáfora que utilizamos no início dessa apresentação, um caminho pelo qual, não mais solitário, é possível tornar as dificuldades e obstáculos da atividade filosófica transponíveis. Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa intitulado “A Filosofia e sua História” (Grupo FHIS) buscou propor esse dossiê temático com um propósito muito imediato, e patente no seu próprio título: “EM DEFESA DA FILOSOFIA”. Com isso, nosso dossiê traz como contribuição algumas percepções atuais sobre a tarefa da formação filosófica. Dessa vez, sem a bela vista possibilitada pelos elevados Alpes, mas em um contexto de luta contra a crueza da atual situação na qual a Filosofia se encontra nos meios acadêmicos e escolares brasileiros.

Apesar de sua confirmação mais do que milenar no seio da cultura ocidental, a Filosofia se encontra hoje em busca da renovação do seu valor e possível utilidade na formação dos espíritos e pensamentos. Isso se reflete na sua inserção incerta na construção das novas políticas públicas voltadas à reestruturação da Educação Brasileira. A nossa nova proposta de uma Base Nacional Comum Curricular (conhecida como “A nova BNCC”) apresenta uma compreensão da Filosofia e das Humanidades em geral que a deixam em uma situação bastante fragilizada. A não-obrigatoriedade da sua oferta faz com que a Filosofia deva – mais uma vez no curso da Educação brasileira – apresentar a justificativa para a sua existência e a necessidade da sua presença na construção dos indivíduos da nossa nação. Do contrário, estará constantemente sob o risco de supressão dos nossos currículos escolares. Nesse sentido, o dossiê “EM DEFESA DA FILOSOFIA” pretende se constituir como o início de sérios debates a serem desenvolvidos em torno da atividade filosófica e, principalmente, da necessidade do seu Ensino. Os textos apresentados pretendem colocar em evidência a importância da formação em Filosofia, seja no que diz respeito à Escola básica, seja no que diz respeito à formação dos próprios professores e estudantes de Filosofia em nível universitário.

No contexto da cidade de Parnaíba, no Piauí, bem longe da neve, o que se tem notado é uma discreta – mas constante e significativa – investida nos espaços antes pertencentes à Filosofia. O curso de Licenciatura plena em Filosofia, fundado em 2014, tem sentido isso fortemente no seu percurso. O ponto principal que nos levou a buscar a proposição de uma discussão específica sobre a formação em Filosofia foi dado pelo estágio obrigatório em Filosofia. Pudemos perceber que essa etapa da formação se ressentia de uma grande dificuldade em ser concluída, em razão da substituição paulatina das aulas tradicionais da disciplina por atividades de mediação pedagógica. Em boa parte das escolas da rede pública, não existe mais a figura do “professor de Filosofia”. Isso porque a disciplina à qual ele costumava ser designado está sendo levada adiante por processos de utilização de tecnologia à distância. Nesse sentido,

a proposta é que possamos constituir um dossiê com o tema: “EM DEFESA DA FILOSOFIA”. É necessário reafirmar o valor da atividade filosófica na escola e na formação humana em geral, notadamente no contexto do Piauí. Pudemos contar com a colaboração de importantes personagens do contexto formador da Filosofia do estado do Piauí e do contexto de discussão filosófica brasileira e europeia. Os textos apresentados buscaram tematizar a problemática ligada à crise que se percebe atualmente na Filosofia e na construção das humanidades em geral. A discussão se seguiu conforme descrito abaixo:

Antes de adentrarmos na discussão sobre os problemas que a Filosofia suscita, é importante – em primeiro lugar – que tenhamos compreendido de modo muito claro do que se trata a Filosofia enquanto conhecimento posto ao pensamento humano. Afinal, o que estamos tentando defender? Duas das contribuições recebidas se apresentam como bastante esclarecedoras nesse aspecto.

A primeira delas, proposta pelos professores Gianluca Cuzzo e Roberto Sávio Rosa com o título “ELOGIO DA FILOSOFIA”, intenta nos colocar imediatamente dentro do pensar filosófico. O melhor disso tudo é que a sua ideia de “pensar filosófico” não implica, em momento algum, um afastamento e desprendimento da realidade. É necessário compreender que a “atividade filosófica” é assumida dentro de um contexto concreto e determinado.

A segunda contribuição, proposta pelo professor Fabio Ciraci e intitulada “A FILOSOFIA COMO VISÃO DO MUNDO”, nos faz perceber como a Filosofia está intimamente ligada à construção de um modo de relacionamento íntimo com a realidade, apesar de muitas vezes não ser percebida como tal. Em consonância com o primeiro texto, essa proposta nos permite perceber que a Filosofia ultrapassa questões simplistas e simplórias que tentam restringi-la a um papel resignado no decorrer da vivência humana. Somente uma total incompreensão da Filosofia enquanto algo que nos permite compreender a complexidade do mundo poderia nos permitir tamanho descuido.

Explicitado do que se trata a Filosofia e o seu papel na formação do pensar humano socialmente determinado, é preciso que pensemos também o papel das Humanidades para a Educação. Para que possamos compreender como a discussão sobre as Ciências Humanas em geral se desenvolveu e se estabeleceu nos demais estados brasileiro, o texto dos professores Antônio Alex de Sousa, Maria Lavor Sousa e Paulo Venício de Paula, intitulado “O TRABALHO DOCENTE NA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS: PERSPECTIVAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTO CURRICULAR REFERENCIAL DO CEARÁ (DCRC) PARA A BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC)”, apresenta uma

visão sobre o modo como o processo de inserção das Humanidades ocorreu no Ceará e como isso foi colocado em relação à construção da BNCC. Essa troca de experiências apresenta-se com uma importância singular, pois nos permite vislumbrar os modos como as Humanidades em geral (e a Filosofia em particular) poderiam ser encarados na construção de uma proposta piauiense e parnaibana.

Isso abre a discussão sobre a Filosofia enquanto especificidade formativa. Para tanto, é preciso que ela passe por uma nova forma de compreensão. A possibilidade de reconstrução da Filosofia enquanto prática formativa de professores realmente integrados com as suas realidades passa por uma observação do modo como a Filosofia se relaciona com as suas tradições discursivas, além de uma ressignificação da experiência filosófica formativa das gerações anteriores. Isso tudo é muito bem explicado e tematizado na discussão dos professores Rodrigo Gelamo e Augusto Rodrigues, intitulada “EM DEFESA DA FILOSOFIA: ENTRE UMA POSIÇÃO POLÍTICA E UMA FILOSOFIA EM SALA DE AULA”.

Nesse sentido, a relação entre a Filosofia e a própria Educação brasileira precisa ser repensada. Uma vez percebida e discutida a necessidade de uma reestruturação dos modos de se pensar/fazer a Filosofia, é preciso saber como ela poderia integrar e colaborar com as questões educacionais propostas pelo Estado brasileiro. O professor Fábio Nascimento inicia essa problemática a partir do seu texto “PARA QUE SERVE A FILOSOFIA? O ENSINO DE FILOSOFIA COMO MEIO ADEQUADO PARA A REALIZAÇÃO DOS FINS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA”. Com isso, pretende-se reafirmar e defender a manutenção da educação filosófica como prática necessária ao desenvolvimento humano.

Ao nos virarmos para a formação em Filosofia e a sua importância para toda essa problemática, podemos também discutir com a professora Adriana Lopes, a partir da sua visão sobre “O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO DO FILOSOFAR”, a respeito da importância de uma atividade tão corriqueira para um curso de Licenciatura como o estágio supervisionado. Parte de indiscutível importância para a formação docente, o estágio supervisionado na formação filosófica se mostra como de uma importância ainda mais marcante. Sendo tarefa própria da Filosofia aquela de pensar e problematizar os modelos já enrijecidos dos moldes tradicionais da educação, não haveria como ser diferente na construção da sua própria ação e organização formativa. O estágio supervisionado é então abordado como prática da atividade filosófica em si, e não somente como etapa obrigatória de uma formação docente desligada do real.

E nesse sentido, a discussão se completa bastante bem com a proposta apresentada pela

professora Cristiane Marinho, ao discutir “AO NORDESTE DA FILOSOFIA A CORUJA NO MANDACARU”. Ela consegue nos mostrar que o desenvolvimento da Filosofia não deve estar colocado de modo subserviente aos modelos herdados de contextos completamente diferentes dos nossos. É possível, algo verificável na História da Filosofia brasileira, estabelecer uma discussão pautada pela diferença: é preciso considerar que o Brasil não foi sempre um “repetidor” do modelo europeu e que o Nordeste brasileiro mostra muitos momentos de autonomia de pensamento filosófico. Abre-se o horizonte de discussões para mostrar que “é possível colocarmos a coruja no mandacaru!”.

Sendo assim, o repensar da Escola e da inserção da Filosofia nos seus currículos nos faz perceber também o modo como esta última pode contribuir para a reconfiguração de todo *capital cultural* que encontramos nesses contextos. Essa discussão fica muito clara na proposta dos professores Antônio Charles Santiago, Ingrid Ferrasa e Rafael Vidal, intitulada “A PRÁXIS PEDAGÓGICA NA ESCOLA BÁSICA: CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA PARA RECONFIGURAÇÃO DOS CAPITAIS À LUZ DE PIERRE BOURDIEU”. Conseguimos, dessa maneira, associar as questões próprias das discussões das Ciências Sociais à problemática de construção dos currículos escolares (naquilo que estes dependem da Filosofia).

O nosso dossiê buscou também apresentar uma discussão voltada para a DEFESA DA FILOSOFIA no que diz respeito às questões da política brasileira atual. A nova BNCC não é somente um documento estruturador da proposta pedagógica brasileira, mas também uma tomada de posição política frente à formação de cidadãos brasileiros. Nesse contexto, algumas das propostas de discussão pretenderam fazer uma verdadeira “apologia” da Filosofia frente aos acontecimentos da nossa história recente.

Nesse espírito, o texto dos discentes Nathália Gláucia Cunha e Hélio Nascimento buscou apresentar um contraste entre a proposta da nova BNCC (intitulada “Educação é a base”) com a necessidade de inserção da Filosofia na formação escolar, no artigo intitulado “FILOSOFIA É A BASE: PELA INSERÇÃO DA FILOSOFIA NA ESCOLA COMO APRENDIZAGEM ESSENCIAL”.

Nesse mesmo diapasão, o texto do professor Lucas Faustino, ao falar sobre “OS RISCOS DO PENSAR FILOSÓFICO EM TEMPOS AUTORITÁRIOS”, nos apresenta uma visão centrada no desenrolar dos acontecimentos no cenário político brasileiro desde as manifestações (ou Levantes, como ele mesmo as define muito bem) ocorridas em junho de 2013. A sua discussão nos apresenta uma leitura bastante esclarecida sobre as interpenetrações entre os acontecimentos sócio-políticos e as implicações geradas para o desenvolvimento do

conhecimento desinteressado e livre que a Filosofia e as Humanidades nos oferecem.

Unificando um pouco da questão política e a necessária discussão sobre a importância do Ensino da Filosofia, o artigo do professor Jorge Henrique Moreira, intitulado “O ENSINO DE FILOSOFIA: AINDA EXISTE ESPAÇO PARA A ATIVIDADE FILOSÓFICA?”, nos mostra uma análise de aspectos “internos” e “externos” da problemática enfrentada, de modo a considerar tanto as questões teóricas que implica quanto as questões voltadas para a sua justificação (o que implica a sua abordagem do aspecto político envolvido).

Enfim, o dossiê “EM DEFESA DA FILOSOFIA” apresenta também algumas possibilidades de discussão que a Filosofia, e somente ela, nos permite discutir acerca de aspectos diversos ligados à construção do pensar humano. A Filosofia é imprescindível para que possamos problematizar e enriquecer diálogos sobre temas de espectro amplo, como a cidadania e a ligação entre a Filosofia e outros ramos da produção literária em geral.

Com essa perspectiva, podemos ler a contribuição dos professores José Carlos Sales e Solange Costa, intitulada “O FILOSOFAR MAIS PRÓXIMO DA POESIA: UMA INVESTIGAÇÃO DE ENCONTROS”. Com ela, podemos perceber e entender o modo como a Filosofia extrapola o seu próprio domínio e auxilia na formação e estabelecimento de outros campos disciplinares, a partir do modo como se inter-relaciona com estes.

Por fim, e não menos importante, podemos também perceber como o professor Gustavo Silvano Batista, na sua discussão intitulada “CIDADANIA, URBANIDADE E DIÁLOGO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA”, nos permite perceber como algumas questões muito próprias da nossa vida diária podem ser muito bem tematizadas e discutidas a partir de aspectos que, a primeira vista, pareceriam completamente desligadas de uma abordagem voltada para os aspectos da “vida real”. Afinal, o que conceitos tão simples como “cidadania”, “urbanidade” e “diálogo” poderiam ter que os permitisse relacionar com algo tão “estranho” como “Hermenêutica”? A resposta é mostrada a partir desse texto.

Esperamos vivamente que esse nosso dossiê “EM DEFESA DA FILOSOFIA” nos permita mostrar que a Filosofia não é algo desligado do real e, principalmente, que ela é imprescindível para uma formação plena dos cidadãos do nosso contexto, seja no âmbito restrito do Piauí e da cidade da Parnaíba em específico, seja no âmbito brasileiro em geral.

Os organizadores
Leandro de Araújo Sardeiro
Felipe dos Santos Durante